



O /S/ EM CODA SILÁBICA EXTERNA NO FALAR OIAPOQUENSE

Celeste Rocha Ribeiro (UNIFAP/UFRJ)¹
celribeiro042002@gmail.com

RESUMO: Este texto expõe de forma sintética resultados prévios de um estudo de base sociolinguística que está sendo realizado para fins de tese, baseado em dados orais de três grupos de falantes, moradores da cidade de Oiapoque (AP). Apresentamos um recorte desses dados, a fim de evidenciar como ocorre o fonema /s/ em posição de coda final de palavra, independente do contexto de realização. Esse fonema não tem valor morfêmico. Os pressupostos teórico-metodológicos seguem, em parte, a teoria da variação linguística (Labov, 1972) visto que estamos considerando o componente social em nossa análise, além da concepção de língua inserida em uma comunidade, utilizada por determinados grupos étnico-sociais. Os resultados preliminares apontam para uma variação estável do referido fonema, sendo quase categórica entre os falantes nascidos em Oiapoque que fazem uso do português brasileiro (PB) como língua materna (L1) e com um número maior de variantes nos falantes de PB como segunda língua (L2).

PALAVRAS-CHAVE: /s/ em coda final. Variação linguística. L1 e L2.

ABSTRACT: This text briefly presents previous results of a sociolinguistic study that is being carried out for thesis purposes, based on oral data of three groups of speakers, residents of the city of Oiapoque (AP). We present a clipping of these data in order to show how the phoneme /s/ occurs in the final word position, regardless of the previous or next context. This phoneme has no morphemic value. The theoretical-methodological assumptions follow in part the theory of linguistic variation (Labov, 1972) since we are considering the social component in our analysis, in addition to the conception of language inserted in a community, used by certain ethnic-social groups. The preliminary results point to a stable variation of this phoneme, being almost categorical among the speakers born in Oiapoque who use Brazilian Portuguese (PB) as their mother tongue (L1) and with a greater number of variants in PB speakers as a second language (L2).

KEY-WORDS: /s/ final position. Linguistic variation. L1 e L2.

1 Introdução

Este estudo evidencia algumas caracterizações relativas à concretização do /s/ em posição de coda externa de vocábulo, no uso pelo falante morador de Oiapoque, município localizado no extremo norte do Brasil, fronteira com a pequena cidade de Saint-Georges (Guiana Francesa).

¹ Professora assistente da Universidade Federal do Amapá. Mestre. Doutoranda em linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. celribeiro042002@gmail.com



O referido fenômeno tende a realizar-se no português brasileiro (PB) ora como fricativa alveolar surda/sonora [s, z], ora como palatal surda/sonora [ʃ, ʒ], ora como zero fonético [Ø] e ainda como glotal [h]. Alguns estudiosos costumam diferenciar as realizações da coda em posição medial daquela em posição final, no entanto, independente de posição ocupada pelo fonema /s/, é fato que ele não apresenta comportamento homogêneo pelo falante de PB.

O *locus* dessa pesquisa é uma região extremamente carente de estudos que se voltem a fenômenos variacionistas, são praticamente inexistentes as pesquisas que retratem a realidade de usos linguísticos da cidade, sobretudo no tocante à descrição e análise desses fenômenos. E conforme sabemos, o conhecimento da realidade linguística de um local, de uma comunidade é bastante significativo, uma vez que possibilita não só conhecer a língua a partir do contexto social em que ela está inserida, mas também contribuir para a descrição da variedade linguística daquela comunidade.

Consideramos o fenômeno referente à realização do fonema /s/ em coda final, sem valor morfêmico, em razão de seu caráter variacionista, visto que tende a apresentar-se de forma heterogênea em diversos usos do PB, conforme atestam alguns estudos (BRANDÃO, 2015; HORA, 2003; MACEDO, 2004; SARAIVA, 2000; CALLOU & BRANDÃO, 2009; MORAIS & LIMA, 2009; MONTEIRO, 2009). Assim, pretendemos verificar se essa heterogeneidade confirma-se também em Oiapoque, haja vista sua localização geográfica e os diferentes grupos étnicos que lá habitam, a saber, os oiapoquenses, os indígenas e os franceses.

Desse modo, objetivamos nesse estudo evidenciar o perfil linguístico do /s/ em posição de coda final de palavra, sem valor de morfema, no uso pelos falantes moradores de Oiapoque. Partimos da hipótese de que esse fenômeno apresenta-se variacionista e em razão do contexto de contato linguístico em que vivem esses falantes, acreditamos que as variantes utilizadas serão as mesmas nos três grupos observados, apesar de cada um ter sua própria língua materna. Porém, vale ressaltar que a variedade empregada pelos oiapoquenses, cuja língua materna é o português, é a que constitui a língua alvo dos indígenas e franceses.



2 Aspectos Teórico-Metodológicos

2.1 O Fenômeno Investigado: algumas considerações

O fonema /s/ segundo Câmara Junior (1970: 51) costuma ser classificado como uma consoante fricativa sibilante: /s/, /ʃ/, /z/, /ʒ/ que em posição de coda se reduz a duas, uma realização surda e outra sonora, dependendo do ambiente seguinte. Destaca-se, ainda, que a escolha entre uma realização e outra, por exemplo, entre uma fricativa alveolar e uma fricativa pós-alveolar ocorre de acordo com o dialeto regional.

Segundo Benayon & Gomes (2009:127), no Rio de Janeiro, por exemplo, predominam as fricativas pós-alveolares; já em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, predominam as alveolares; assim como em Brasília (Corrêa, 1998). Pessoa (1986) revela as alveolares como predominantes em Natal; assim como em João Pessoa (Hora, 1997). Porém em Recife (Macedo, 2004) o predomínio é das pós-alveolares. Em Belém (Pa), o predomínio também é para a pós-alveolar (Carvalho, 2000); Na capital Macapá, a fricativa pós-alveolar é a mais recorrente, independente da posição que ocupa em coda silábica, embora seja mais frequente em coda final absoluta ou coda final seguida por consoante (Monteiro, 2009).

2.2 A Sociolinguística Variacionista

Partindo do pressuposto de que a língua não pode ser estudada fora de seu contexto social, William Labov (1972), um dos principais nomes da sociolinguística variacionista, propôs um modelo de análise e sistematização das variantes linguísticas utilizadas por uma mesma comunidade de fala, considerando aspectos sociais. Esse modelo foi denominado teoria da variação linguística ou sociolinguística quantitativa em que se procura relacionar língua e sociedade, verificando o caráter heterogêneo e sistemático da variação linguística.

Vale lembrar que essa teoria surgiu em resposta aos modelos preconizados pelo estruturalismo, na primeira metade do século XX cujo expoente foi Ferdinand de



Saussure e pelo gerativismo de Noam Chomsky, na segunda metade do referido século que tomavam por base a ideia de homogeneidade da língua. Assim, o modelo variacionista nega a existência de comunidade linguística homogênea, concebe a língua como uma estrutura heterogênea ordenada e desenvolve investigações correlacionando aspectos do sistema linguístico e aspectos do sistema social.

Coelho et al (2015) destacam que para essa teoria

A variação e a mudança só se revelam em sua sistematicidade quando o pesquisador considera o contexto social em que a língua é usada, analisando a estrutura e evolução da língua a partir de sua interação com a sociedade (COELHO ET AL, 2015, p.67).

Labov (1972) relaciona essa interação à comunidade em que o falante está inserido, caracterizando comunidade de fala como um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua e compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua. Guy (2001) redefine essa concepção de comunidade de fala baseando-se em três critérios: (a) de que os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; (b) de que devem ter uma frequência alta de comunicação entre si; (c) e de que devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

Dessa forma, desenvolver um estudo baseado na teoria da variação linguística é considerar que os falantes de uma comunidade não realizam variações aleatoriamente, mas baseadas no tipo de influência que recebem dentro da sociedade em que se inserem. Por isso, vários são os fatores que podem ocasionar a diversidade linguística sejam linguísticos ou sociais. A sociolinguística quantitativa visa, dessa forma, estabelecer uma sistematização no contexto heterogêneo da língua falada, considerando índices estatísticos de fatores linguísticos e extralinguísticos ligados à variação. Tais fatores tendem a ser classificados como variáveis internas ou linguísticas e variáveis externas ou extralinguísticas. Essas relacionam-se aos indivíduos (idade, sexo), aos aspectos sociais e demográficos (escolaridade, profissão, região) e ainda contextuais (grau de formalidade etc); aquelas dizem respeito aos aspectos da língua em todos os níveis, a



saber fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-lexicais, discursivo-pragmáticos.

A partir do exposto insere-se a proposta do presente estudo, o qual busca evidenciar os resultados encontrados a partir de alguns dados orais do falante oiapoquense, mais especificamente da produção do /s/ em coda final, adotando parcialmente critérios metodológicos preconizados pela teoria variacionista. Antes de passarmos a esses resultados, e considerando a importância de se conhecer a realidade social que cerca o falante usuário do PB em Oiapoque, apresentamos na seção seguinte um breve perfil do local desse estudo.

2.3 Perfil da Comunidade Oiapoquense

Labov (1972, p. 238) destaca que “a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos”. Esses não só desenvolvem-se nessas comunidades, como caracterizam-nas em seus variados aspectos, conferindo-lhes peculiaridades histórico-sociais, culturais e linguísticas. Partindo dessa assertiva, apresentamos em linhas gerais a realidade da comunidade estudada.

De acordo com Day (2016:33), o estado do Amapá e, conseqüentemente, a fronteira franco-brasileira, na qual se localiza o município brasileiro de Oiapoque, parecem territórios desconhecidos e quase despercebidos pelas políticas de integração regional, em que o Brasil está inserido, parecendo “um campo “desterritorializado”. A autora destaca também que a fronteira Amapá – Guiana Francesa, historicamente, caracteriza-se como uma região abandonada pelo país, pouco desenvolvida economicamente, com muitas dificuldades de acesso a bens e serviços públicos, causados em sua maioria, pela ausência de coesão social, problemas comuns a regiões fronteiriças e a maneira pela qual a comunidade originou-se.

O município de Oiapoque localiza-se na fronteira setentrional norte brasileira, conforme figura 01 seguinte, distante cerca de 600 quilômetros da capital do estado do Amapá, Macapá. Está ligado à capital pela rodovia BR-156, a qual ainda apresenta

cerca de 170 km de estrada de terra, o que dificulta muito o fluxo de veículos entre Oiapoque e a capital, principalmente em períodos chuvosos (fevereiro a maio), quando o tráfego se complica ainda mais, em razão dos atoleiros e lamaçal que se formam devido às fortes chuvas que caem na região nesta época do ano.

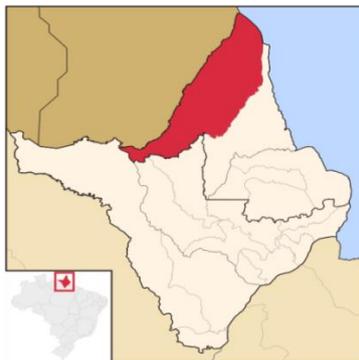


Figura 01 – Mapa de Localização Geográfica do Município de Oiapoque – AP

O município distribui-se por uma área de cerca de 22.625 km² e segundo dados do IBGE (2015), a população estimada em 2015 equivale a 24.263 habitantes e uma densidade demográfica de 0,91 habitantes/km² (www.IBGE.cidades.gov.br). Apesar do crescimento populacional nos últimos anos, as políticas públicas não acompanharam este crescimento, além de que o percentual de jovens no conjunto da população é alto, enquanto a participação de idosos é pequena, evidenciando probabilisticamente que a expectativa de vida do cidadão oiapoquense é baixa.

O município de Oiapoque tem suas origens relacionadas às políticas de povoamento, colonização e defesa do território nacional. Segundo Day (2013), entre os séculos XVI e XVIII, Portugal e França disputaram cerca da metade do espaço territorial onde atualmente localiza-se o estado do Amapá, pois durante dois séculos, esta região esteve dominada e explorada por comerciantes originários da Guiana Francesa, apenas no final do séc. XVIII, que Portugal preocupado com a exploração da região pelos franceses, passa a estimular imigrantes açorianos e marroquinos a ocuparem o referido território.

De acordo com Nascimento e Tostes (2008), os sinais iniciais de povoamento do lugar ocorreram, de fato, no século XIX, com a chegada de cidadãos guianenses e



antilhanos, que ocuparam o lugar dos índios Oyãmpis, que migraram para a Serra do Tumucumaque. Porém, tal ocupação não conseguiu inibir o avanço de exploradores franceses, ingleses e holandeses na área às margens do rio Oiapoque. Em função disso, em 1900 com a assinatura do Laudo Suíço entre Brasil e França, aquela região, atual Amapá, tornou-se oficialmente brasileira.

A cidade recebeu inicialmente a denominação de Martinica do Oiapoque e em 1945, foi elevada à categoria de município com a denominação atual de Oiapoque. Vale ressaltar que grande parte das terras do Município é ocupada por parques nacionais: Montanhas do Tumucumaque e Cabo Orange, além das terras indígenas, Uaçá, Galibí e Juminã.

Em decorrência de Oiapoque situar-se na fronteira com a Guiana Francesa, Departamento da França, o fluxo migratório entre brasileiros e franceses é intenso, haja vista que apenas um pequeno rio separa os dois países, cuja travessia é feita em pequenos barcos denominados “catraias” com duração de no máximo 20 minutos de viagem. De acordo com Day (2013, p. 176) até o fim dos anos 90, havia muito mais brasileiros indo para Guiana do que guianense vindo para o Brasil. Entretanto, no início do novo século é assinado o “acordo de cooperação transfronteiriça” entre os governos brasileiro e francês “prevendo uma série de ações conjuntas para a região que incluía projetos de cooperação sócio-econômica, científica, educativa e cultural...”.

Com isso, o contato entre os povos dessa região se intensificou e ampliou na mesma proporção, e hoje é bastante comum a presença de franceses e guianenses nas ruas da cidade brasileira, seja a trabalho, comércio, negócios, educação ou diversão e lazer, sendo estes dois últimos os principais fatores de estimulação à vinda desses grupos ao Oiapoque.

Diante dessa posição geográfica que ocupa, é evidente que Oiapoque possui influência direta do comportamento econômico, social, político e cultural das cidades da Guiana Francesa, tais como Camopi, Saint-Georges e Cayenne. Certamente que inserida nesse comportamento cultural encontra-se a influência linguística, estabelecida pelo contato intenso que se estabelece entre os povos e etnias que ali moram e transitam diariamente pelos contextos sociais presentes na cidade. Assim, na cidade oiapoquense



a diversidade étnico-social é uma realidade, com destaque para os povos indígenas, dada a presença de 04 grandes etnias nativas da região e os franceses.

Por ser um município situado em território brasileiro, a língua portuguesa é a oficial, mas devido à diversidade étnica verificada no local, onde habitam os brasileiros natos, os indígenas e os migrantes franceses, é muito comum a presença de outras línguas e dialetos em uso pela cidade de Oiapoque.

2.3 Procedimentos Metodológicos

A partir da comprovada heterogeneidade étnico-linguístico-cultural existente na cidade de Oiapoque, conforme evidenciada anteriormente e as possíveis influências que a população oiapoqueense possa estar recebendo, por estar inserida em uma situação de diversidade linguística em razão do contato sócio-histórico e linguístico, predominantemente de fronteira, tomamos por base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, para observar os usos linguísticos relativos, especificamente, às realizações do fonema /s/ em posição de coda final, pelo falante que mora em Oiapoque.

Esse falante ora emprega o português como L1 ora como L2, uma vez que vivencia uma situação de contato linguístico, onde o português, língua alvo, coexiste com a língua francesa, o crioulo francês guianense, duas a três variedades de línguas indígenas, além de pequenos dialetos da região das Guianas e do Caribe. Mas cumpre dizer que a língua portuguesa é a mais usada pelos moradores de Oiapoque, é a de maior vitalidade, maior prestígio e de maior frequência de uso.

2.3.1 Amostra

A amostra coletada segue os pressupostos da metodologia laboviana, cujo objetivo é a fala espontânea, além de aspectos como a representatividade da comunidade estudada, o fenômeno em si e o método da pesquisa. Cumpre dizer que para esse estudo, fizemos um recorte de uma amostra maior que está sendo utilizada



para produção de tese. Assim, distribuímos os indivíduos dos grupos selecionados para este trabalho, em apenas três variáveis: sexo, idade e etnia. Esses grupos caracterizam os atuais moradores de Oiapoque: indígenas, franceses e oiapoquenses natos, cujo recorte apresenta-se nos quadros 1, 2 e 3 seguintes.

Quadro 1 – Perfil e distribuição dos informantes oiapoquenses

Faixas Etárias	Sexo	
	F	M
18 a 45 anos	2	2
+ 46	2	2

Fonte: dados de pesquisa

Quadro 2 - Perfil e distribuição dos informantes indígenas

Faixas Etárias	Sexo	
	F	M
18 a 45 anos	2	2
+ 46	2	2

Fonte: dados de pesquisa

Quadro 3 – Perfil e distribuição dos informantes franceses

Faixas Etárias	Sexo	
	F	M
18 a 45 anos	1	2
+ 46	2	2

Fonte: dados de pesquisa

A coleta dos dados ocorreu em situação informal, em interações livres permeadas de perguntas do entrevistador e respostas do entrevistado. A maioria delas realizou-se na casa do entrevistado, mas algumas ocorreram em escolas, no hotel onde a entrevistadora estava hospedada e no local de trabalho de 1 informante. Os temas dessas interações focalizavam inicialmente o dia-a-dia do falante com a descrição de sua rotina diária, sua família, seu trabalho ou estudo, em seguida passávamos a conversar sobre a vida na cidade de Oiapoque: as dificuldades e as facilidades que a cidade oferece ao seu morador, as especificidades do município quanto ao aspecto econômico, social,



educacional, de saúde, urbanização, turismo, migração, mercado de trabalho; em geral, finalizávamos as conversas pedindo ao morador que opinasse sobre a relação estabelecida na cidade entre os povos que lá residem, assim como sobre as línguas e dialetos que eram usadas no local. .

Todas as conversas foram registradas em gravador digital, no formato MP3 com duração em média de 30 a 50' cada uma, totalizando em média 689 horas de gravação. Esse tempo era determinado em função de cada informante, dependia da disponibilidade de cada um, o que gerou algumas entrevistas bem mais longas que outras.

2.3.2 As Variáveis Trabalhadas

A variável, conforme informado anteriormente, que estamos considerando nesse estudo é o fonema /s/ em posição de coda final de vocábulo. Em geral, observamos quatro maneiras diferentes de produzir esse fonema, ou seja, as variantes que apareceram nos dados:

- alveolares surda/sonora [s, z]
- pós-alveolares surda/sonora [ʃ, ʒ]
- glotal [h]
- zero fonético [Ø]

Em razão de a maioria dessas variantes serem produzidas por nossos informantes, embora umas em proporção maior que outras, decidimos verificar quais as mais recorrentes e o percentual de uso de cada uma, entre os falantes usuários do PB que moram em Oiapoque.

Ressaltamos que para fins desse estudo, vamos nos limitar aqui somente na evidência de quais variantes aparecem e na frequência de uso daquela(s) predominante(s), em detrimento de cada grupo de falante. Como ainda não concluímos nosso processo de codificação, organização e análise dos dados para fins de tese, não mostraremos o resultado final englobando as variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas. Nossa observação far-se-á a partir somente de cada uso por grupo e perfil do falante, considerando as variáveis extralinguísticas, como a idade (18 – 45



anos; mais de 46 anos), o sexo (feminino e masculino) e a etnia (oiapoquense nato, indígenas e franceses).

A escolha pelas duas primeiras variáveis ocorreu em razão da tradição que elas carregam nos estudos variacionistas; a variável etnia em função da diversidade e mistura étnicas presentes na comunidade oiapoquense, o que nos instigou a verificar se tal diversidade provoca alguma influência na realização do fonema /s/ em coda final, pelos falantes moradores de Oiapoque e usuários do PB, seja como L1 (oiapoquenses) ou L2 (indígenas e franceses), uma vez que a língua materna de cada grupo étnico aqui observado apresenta o referido fonema em sua estrutura fônica. Ressaltamos que a escolha por esses falantes ocorreu também em razão de constituírem os maiores grupos em termos numéricos moradores do local, sendo os oiapoquenses os predominantes, seguidos pelos indígenas e franceses (IBGE, 2015).

3 Discussão

De forma geral e a partir dos dados analisados, cujo /s/ encontra-se em posição de coda final podemos afirmar precisamente que a predominância em Oiapoque é da variante pós-alveolar surda/sonora [ʃ, ʒ], assim como na capital Macapá, independente de grupo étnico ou qualquer outro fator observado. No entanto, esse percentual varia de acordo com o grupo de falantes.

Entre os 07 falantes franceses de nossa amostra, que fazem uso do PB L2, cerca de 70% empregam a variante pós-alveolar em coda final, pois entre os cerca de quase 100 casos observados, uma média de 65 ocorre com a pós-alveolar; 20 casos com o zero fonético e 13 com a alveolar.

Os que mais empregam o zero fonético são os moradores franceses que estão há menos de cinco anos em Oiapoque e ainda mantém estreito contato com a Guiana Francesa, ou seja, vão e vem frequentemente, por razões de trabalho, e visitas à família e amigos residentes do lado francês. Abaixo alguns exemplos com essa variante:

[depojØdɛrtepu] ‘depois de um tempo’



[majØagore] ‘mais agora’

[dojØdzie] ‘dois dia’

Esse traço de apagamento parece indicar a interferência da LM desses falantes, visto que na língua francesa o /s/ em posição de coda, seja medial ou final, não costuma ser realizado explicitamente na fala. Poisson-Quinton et al (2003:28) destacam que há um ponto diferencial no francês, em relação ao português, por exemplo, que diz respeito à pronúncia do –s quando este aparece na escrita de alguns nomes: “le –s final ne se prononce pas”. Assim, independente de idade, todos os falantes franceses que empregam o PB L2 em Oiapoque realizam esse apagamento, sendo que os falantes que estão há mais tempo morando na cidade, há mais de 10 anos realizam menos que aqueles que estão há pouco tempo, menos de 05 anos, por exemplo.

Ainda sobre a variante zero fonético, convém dizer que ela não aparece nas falantes do sexo feminino, pelo menos nos dados analisados, o que nos leva a inferir que pelo fato de estas serem todas bilíngues, pois adquiriram português e francês simultaneamente na infância, não ocorre a interferência supracitada, uma vez que elas parecem fazer uso de um ou outro sistema de forma independente, sem transferência de traços entre uma ou outra língua adquirida. O que não ocorre com os informantes do sexo masculino, os quais são todos franceses natos que adquiriram o PB na fase adulta, ao atravessarem a fronteira franco-brasileira e fixarem residência em Oiapoque.

Outro ponto que merece destaque entre os falantes franceses é a ocorrência da variante alveolar que foi a terceira mais empregada pelos franceses, sendo que os homens empregam bem mais que as mulheres. Entre essas, observamos apenas 1 caso em uma informante de 56 anos. Convém ressaltar que essa variante teve um contexto de uso restrito e único, diante de vogal provocando a junção do fonema /s/ ou /z/ em coda final com a primeira vogal da palavra seguinte, conforme atestam os exemplos seguintes:

[dozami] ‘dois amigos’

[trezãno] ‘três ano’

[majzomenu] ‘mais ou menos’



Vale lembrar que este tipo de ocorrência caracteriza um fenômeno também muito recorrente em francês, língua materna desses falantes, a *liaison*. Segundo Nunes (2008), a *liaison* em francês trata da inserção entre dois fonemas vocálicos de um elemento consonântico de apoio (consoante ou glide). Para Leon (1992), esses fenômenos acontecem justamente pelo fato de a língua francesa priorizar sempre o padrão distribucional mais frequente da silabação: consoante + vogal. Estas transformações se realizam em nível oral e desempenham um importante papel para a sintaxe da língua falada.

Assim, esse resultado para as variantes alveolares parece refletir novamente a interferência da língua materna do falante francês, haja vista ter sido recorrente apenas nos homens, independente de idade.

A título de informação, a variante glotal [h] em posição de coda final não foi registrada em nenhum falante francês.

Quanto aos informantes indígenas, a variante mais empregada também foi a pós-alveolar surda/sonora [ʃ, ʒ]. Das 130 ocorrências do fonema /s/ em coda final nos dados desses informantes, cerca de 100 (80%), foi para a referida variável, bem superior aos dados dos franceses. Todos os falantes indígenas fazem uso dessa variante, independente de sexo ou idade. As demais tiveram emprego reduzido limitando-se a pouco mais de 10 casos das alveolares [s, z] e cerca de 05 de zero fonético [Ø]. Cumpre destacar aqui o perfil do falante que empregou essas variantes. As alveolares, quando ocorrem é no mesmo contexto de uso dos falantes franceses, ou seja, para realizar o fenômeno da juntura, como observamos nos exemplos seguintes:

[mazewnawtepu] ‘mas eu não tenho’

[menuzagwa] ‘menos água’

[majzomenu] ‘mais ou menos’



Essas realizações foram mais recorrentes nos falantes do sexo masculino, independente de faixa etária; entre as 04 mulheres de nosso estudo, somente uma da faixa etária mais jovem fez uso dessa variante.

A variante zero fonético também teve uso restrito, limitando-se a 1 falante mais jovem e outro acima de 45 anos, ambos do sexo masculino. As ocorrências foram as seguintes:

[men \emptyset mapalavrɛ]	‘menos uma palavra’
[maj \emptyset difikudadʒɪ]	‘mais dificuldade’
[doj \emptyset heajʃ]	‘dois reais’

A variante glotal em coda final, assim como nos franceses, não ocorreu em nenhum falante indígena.

Por fim, os oiapoquenses natos que demonstraram uma preferência quase categórica pela variante fricativa pós-alveolar. Das quase 60 ocorrências para a variável em estudo, cerca de 50 casos foi para a referida variante (90%), independente de sexo ou idade, todos a realizam. A segunda variante que ocorreu foi a alveolar, com uma média de 10 realizações. Vale registrar que ela foi empregada pelos 04 homens de nosso estudo, mas apenas por uma mulher mais jovem. Algumas dessas ocorrências podem ser observadas nos exemplos seguintes:

[majzɛw]	‘mas eu’
[trezidiomɛ]	‘três idioma’
[dojzɛnu]	‘dois ano’

As demais variantes, zero fonético e glotal, não foram encontradas nos dados analisados desses informantes, pelo menos na posição de coda final de palavra com a fricativa alveolar sem valor morfêmico.

Portanto, a partir do que encontramos no registro oral dos 23 informantes analisados, sendo 8 oiapoquenses com o português como língua materna, 08 indígenas e 07 franceses tendo o português como segunda língua, é válido afirmar que o fonema /s/



em posição de coda final de palavra realiza-se predominantemente como pós-alveolar surda/sonora [ʃ, ʒ]. Sendo que nos oiapoquenses essa variante é quase exclusiva; seguida pelos indígenas e depois os franceses.

Vale dizer que o maior número de variantes é verificado nos falantes franceses que realizam também em proporção média o zero fonético e em baixa proporção a fricativa alveolar. Os indígenas produzem além da pós-alveolar, a fricativa alveolar e o zero fonético, porém em reduzida quantidade, limitando-se quase que exclusivamente aos termos *antes, faz, mas, menos, dois, três*. Os oiapoquenses depois da pós-alveolar realizam somente a alveolar, embora de forma muito reduzida. Cumpre afirmar ainda que a variante glotal não foi encontrada em nenhum desses grupos de falantes.

Como forma de sintetizar os achados evidenciados aqui, apresentamos no quadro seguinte um panorama dessas ocorrências, em que sinalizamos afirmativamente a presença da variante em foco e negativamente sua ausência.

Quadro 4 – Síntese das realizações do /s/ em coda final no falar dos moradores de Oiapoque

Etnia	Variante pós-alveolares surda/sonora [ʃ, ʒ]	Variante fricativas alveolares surda/sonora [s, z]	Variante zero fonético [Ø]	Variante glotal [h]
Oiapoquenses				
Homens	Sim	Sim	Não	Não
Mulheres	sim	sim	não	não
Franceses				
Homens	Sim	Sim	Sim	Não
Mulheres	sim	sim	não	não
Indígenas				
Homens	Sim	Sim	Sim	Não
Mulheres	sim	sim	não	não

Fonte: dados de pesquisa

O quadro 04 reflete o perfil do fonema /s/ em posição de coda final de palavra e sem valor mórfico no falar oiapoquense, seja por usuários de PB L1, neste caso os oiapoquenses natos, seja pelos usuários de PB L2, os indígenas e os franceses. Apesar de termos observado um número pequeno de dados, em média 300, entre os 03 grupos de falantes, visto que nosso foco era restrito, conforme perfil referido anteriormente, julgamos significativo o panorama encontrado, uma vez que não há grandes diferenças



de uso entre as variantes, apesar de os informantes não terem a mesma língua materna. O que confirma parcialmente nossa hipótese inicial.

Chama atenção também a ocorrência da variante zero fonético que aparece somente nos dados dos homens franceses e indígenas, sendo totalmente ausente nos oiapoquenses, o que nos permite inferir que essa variante parece realizar-se em função da interferência da língua materna, no caso dos franceses, pois conforme vimos esse apagamento é comum na língua francesa. No caso dos falantes indígenas, a língua materna deles é o kheuól, que é uma língua crioula de base francesa. Entretanto, por falta de pesquisas nessa língua, sobretudo contemplando aspectos fonético-fonológicos, não podemos assegurar que esse apagamento nos indígenas ocorra também por influência de sua LM. Somente estudos posteriores que possam contemplar essas questões poderão apontar possíveis caminhos para determinadas ocorrências na L2 desses falantes.

Considerações Finais

Para finalizar, convém lembrar que como o corpus analisado não foi montado especificamente para essa pesquisa, muitos fatos aqui observados não puderam ser analisados em profundidade. Assim, pretendemos futuramente com um corpus completo e apropriado que dê conta das especificidades elencadas de cada grupo de falantes, estudar em mais detalhes esses casos, assim como observar as ocorrências do fonema /s/ não só em posição final de palavra, mas também na medial, considerando ainda o /s/ de valor morfêmico, indicativo de número plural nos nomes do PB.

Certamente que os resultados mostrados aqui carecem de mais evidências e aprofundamento, tais como a verificação dos possíveis fatores linguísticos condicionadores de uma ou outra variante. No entanto, acreditamos que o retrato traçado aqui nos permite visualizar, ainda que de maneira restrita, o desenvolvimento do fenômeno estudado na região, assim como possibilita a formulação de outras hipóteses de estudo. É possível que a ampliação desses dados tragam novos elementos que levem



ao ajuste e/ou à reformulação dessa análise preliminar. Até o momento, ficam aqui algumas questões a serem confirmadas ou refutadas por estudos futuros.

Referências

- BENAYON, A. R. & Gomes, C. A. **Aquisição da fricativa em coda no português brasileiro: variação e propriedades distribucionais.** Actas. Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2009.
- BRANDÃO, S. F. **Concordância Nominal em Três Variedades do português: resultados gerais, novas indagações.** *CUADERNOS DE LA ALFAL*, No 7, março 2015: 36-52.
- CALLOU, D. M. I; BRANDÃO, S. F. Sobre o /S/ em coda silábica no Rio de Janeiro: falas culta e popular. In: SALGADO, Ana Claudia Peters; BARRETTO, Mônica M. Guimarães SAVEDRA. (Org.). **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao Prof. Jürgen Heye.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 1987 [1970].
- CARVALHO, R. R. **Variação do /s/ pós-vocálico na fala de Belém.** Dissertação. Belém, Universidade Federal do Pará, 2000.
- COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- CORREA, C. da C. **Focalização Dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico.** Dissertação. Brasília, UNB, 1998.
- DAY, K. **Fronteiras Linguísticas e Fronteiras Políticas: Relações Linguísticas e Socio-Históricas na Fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.** Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Língua em uso, nº 47, 2013.
- **Políticas Linguísticas Educativas em Conflito no Amapá: impactos e contradições da LDB 9394/96 e da Lei 11.161/05.** Tese. Niterói/RJ, UFF, 2016.
- GUY, G. **As Comunidades de fala: fronteiras internas e externas.** Anais da Abralín, 2001.
- HORA, D. Teoria da variação: uma retrospectiva. In: HORA, D. (org.). **Diversidade Linguística no Brasil.** João Pessoa: Ideia, 1997.
- ; COLLISCHONN, G. (Orgs.) **Teoria Linguística: Fonologia e outros temas.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- IBGE - **ESTADO DO AMAPÁ.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil>. Acesso em 20/02/2015.
- IBGE – **Cidade Oiapoque.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico>. Acesso em 06/06/2016.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEON, P. R. **Phonétisme et prononciations du français.** Paris: Nathan, 1992
- MACEDO, S. S. **A palatalização do /S/ em coda silábica no falar culto recifense.** Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.



- MONTEIRO, R. C. N. **A Produção Palato-Alveolar de /S/ nas Vozes do Amapá.** Dissertação, 2009.
- MORAIS, P. E. & LIMA, I. S. **Comportamento da fricativa coronal em posição de coda: um estudo variacionista da interface fala e leitura de alunos de duas escolas pessoenses.** Anais, ABRALIN, Vol. 2, 2009.
- NASCIMENTO, O. & TOSTES, J. A. **Oiapoque - Aqui começa o Brasil: as perspectivas de desenvolvimento a partir da construção da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa.** In: IV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), Brasília. GT13 - Relações internacionais e ambiente, 2008.
- NUNES, V. G. **O Fenômeno da liaison e enchainement na leitura: o caso de aprendizes de francês língua estrangeira.** Anais do CELSUL, Florianópolis: UFSC, 2008.
- PESSOA, M. A. **O s pós-vocálico na fala de Natal.** Atas do I Simpósio Diversidade Linguística no Brasil. Salvador: UFBA, 1986.
- POISSON-QUINTON, S. ET AL. **Grammaire Expliqué du Français.** CLE International, 2003.
- SARAIVA, C. A. M. **As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense.** Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 28 de maio de 2017.